

ÍNDIOS VERSUS POLICIAIS

Pela segunda vez, Barra do Corda volta aos noticiários. De um lado, os agentes da Polícia Federal. Do outro, os índios Guajajara. No meio, um amargo conflito.

Quinta-feira, 14, o país torna a ver pela televisão imagens insólitas. Oito policiais, amarrados, sendo espancados por indígenas da aldeia Coquinho, distante 60 Km da cidade cordina. Cenas nunca vistas entre policiais e índios brasileiros.

O ex-chefe da Ajudância da Funai de Barra do Corda, José Porfírio de Carvalho, diz que foi uma invasão inominável. Os policiais não tinham autorização para penetrar em área indígena. Nem o comando da Polícia Federal nem a Funai sabiam dessa operação, sustenta.

Carvalho conta que primeiramente os policiais causaram distúrbios na aldeia Sabonete. Dizendo-se à procura de maconha e traficantes, desrespeitaram e bateram nos Guajajara, matando cachorro. Revoltados com a atitude, os índios aprisionaram os policiais e seus pertences, transferindo-os para a aldeia Coquinho. Quando a televisão chegou para documentar o fato, Carvalho salienta que inadvertidamente os Guajajara teatralizaram "aquelas cenas." Mas, a Turma apurou que uma índia e um casal da PF foram internados com ferimentos expostos em hospital da cidade.

O caso ganhou repercussão imediatamente. Os Guajajara, apesar de liberar os agentes da PF, confiscaram três metralhadoras, duas escopetas,

oito pistolas e duas caminhonetes toyota, condicionando a devolução desse material quando houver a retirada do povoado de São Pedro dos Cacetes, encravado dentro da reserva indígena.

A Polícia Federal, em contrapartida, mobilizou mais de duas centenas de agentes para novamente invadir a aldeia e recuperar os armamentos. Prevendo derramamento de sangue e uma imagem negativa na Conferência Mundial ECO 92, o governo federal apressou-se em destacar o presidente da Funai, Sidney Ponsuelo, e o secretário da Polícia Federal, Romeu Tuma, para negociarem a paz na aldeia Guajajara. Aparentemente, selaram o acordo.

Veja também entrevista pág.03

NOVO REAJUSTE

Um mês após o último reajuste, os vereadores cordinos tornaram a reajustar os valores dos salários. Com um índice de 100 por cento, cada um dos 15 representantes saltará de um milhão e 80 mil, para 2 milhões e 160 mil cruzeiros. A medida não abrange o restante do funcionalismo municipal.

A Câmara dos Vereadores, que realiza uma sessão ordinária por semana, alterou também as outras funções de

hierarquia. O presidente que recebia um milhão e 900 mil, pula para 3 milhões e 800 mil cruzeiros. O vice-presidente, secretário e tesoureiro alcançam 3 milhões e 200 mil cruzeiros.

Também em maio os deputados estaduais maranhenses passam de 9,3 milhões para 17,7 milhões de cruzeiros. Em Brasília, um deputado federal ganha bruto 21 milhões de cruzeiros.

FUNDOS DA BARRA

Em abril, além dos 310 milhões, 767 mil, 758 cruzeiros e 19 centavos provenientes do Fundo de Participação dos Municípios, a prefeitura cordina recebeu do ICMS/IPI a quantia de 24 milhões, 760 mil, 460 cruzeiros e 92 centavos. Somados o FPM com o ICMS/IPI, os números alcançam 335 milhões, 528 mil, 219 cruzeiros e 11 centavos.

O ICMS/IPI de janeiro a abril

remitido a Barra do Corda foi de 29 milhões, 792 mil, 531 cruzeiros e 30 centavos. E o FPM de abril em comparação com o de março cresceu mais de 15 por cento.

Essas duas importantes receitas vão ser publicadas mensalmente na Turma. O FPM é obtido no Tribunal de Contas da União em Brasília-DF. E o ICMS/IPI na Secretaria de Economia em São Luís - MA.

entrevista Carvalho fala dos índios

O ex-chefe da Ajudância da Funai de Barra do Corda, José Porfírio de Carvalho, em entrevista à Turma classifica a invasão dos agentes da Polícia Federal a aldeia Guajajara de agressão inominável.

Carvalho, que atualmente presta serviços à Eletronorte residindo em Brasília, diz visitar Barra do Corda pelo menos dez vezes ao ano. Na entrevista, além dos atuais e antigos temas indígenas, ele discorre sobre sua pessoa e o seu trabalho, confessando ter um sonho de congregar índios e brancos em terras cordinas. Pág. 03.

Atenção: O cacique Mariano Guajajara anuncia que espera o governador Lobão até sexta-feira, 29, para negociar a saída de São Pedro dos Cacetes. A partir desta data, alerta, a qualquer momento pode se dar a invasão do povoado.

CÓDIGO

Barra do Corda ganha dos Correios e Telégrafos um novo CEP: 65950-000

CASA DO MARANHÃO

Dia 13 de junho, a partir das 18 horas, a Casa do Maranhão promove festa junina. Entrada franca.

FESTA JUNINA

Para a festa junina estão previstas várias atrações, como quadrilhas, bumba-meu-boi do Teodoro, correio elegante, quitutes e bebidas tradicionais. O conjunto de forró "Lagartixa" vai puxar a animação.

ANUNCIATA

A barra-cordense Anunciata Fernandes Silva, 84, foi tema de reportagem do jornal "Correio Braziliense" (de 23 de maio). O motivo são os seus nove filhos, 65 netos e 62 bisnetos.

CHICÃO

Francisco Santana (o Chicão) encontra-se trabalhando em Belém (PA) esperando o prazo de desincompatibilização para disputar uma vaga de verador em Barra do Corda.

NONATO

Também de Brasília Raimundo Nonato Medeiros segue para a Barra para defender suas idéias junto aos eleitores.

CHOPP

Em julho, está programado o festival do Chopp na Casa do Maranhão.

FESTA

Quase pronta a festa de Judite Carvalho e Marcelo Sousa para a colônia barra-cordense. Toda colônia - anunciam - está convidada.

MONARQUIA

O deputado federal Cunha Bueno, PDS/SP, tem abastecido a Turma de informações sobre a monarquia-parlamentarista. O jornal "Cara e Coroa" vem junto.

PLEBISCITO

A propósito, em 1983 haverá plebiscito para se escolher entre presidencialismo ou parlamentarismo. Também entre república ou monarquia. Atualmente vigora república-presidencialista.

JOSÉ QUEIROZ

A Turma agradece a revista "Retrato de um Mestre - José Queiroz" remetida por Maria Barros e Pedro (da Lídia) Duarte Costa. Obrigado.

AGRADECEMOS

A Turma agradece os selos postais doados por Célia Soares, Raimundo Nonato Medeiros, Márcio Martins e Hermes Pontes Lima.

COLABORAÇÃO

Colaboraram com esta edição João Marciano e Ubirajara Milhomem.

SELOS

Doe selos postais à Turma. Caixa Postal nº 09872 - Brasília-DF Cep 70001-970

Turma da Barra

ZÉ ARRUDA

*William Figueira

Meter José Nogueira Arruda numa camisa de força, feita sob medida, conforme o figurino, não tem a menor graça. Quem quiser fazer justiça à memória desse barra-cordense legendário, deve lembrá-lo, episodicamente, como alguém que punha o bom humor e a alegria de viver acima de todas as coisas. Para ele a "vida era um eterno piquenique."

Quando estudantes em São Luís, moramos sempre na mesma "pensão" e, por ser mais barato, no "mirante" daqueles casarões coloniais de fachada azulejada. Lembro-me da primeira delas, a "pensão" do Gimínio, numa rua paralela às ruínas do Palácio dos Holandeses. O "Gimi", justiça se lhe faça, era ligeiramente aquilardado...

Na "pensão" os costumes eram extremamente liberais, andávamos todos em cuecas e alguns, mais liberais ainda, dispensavam esse adereço superficial. A governanta "Nazinha", além de cozinheira, era utilizável em casos de emergência mais grave, fechava os olhos para esse nonchalance de estudantes irresponsáveis.

O Gimínio foi nosso grande amigo, até quando ouviu o Arruda contar aos outros hóspedes que pela entrada da "torrinha" do Teatro Artur Azevedo, onde o nosso hospedeiro era porteiro, entrava dez vezes mais gente do que pela porta principal, desde que pagasse em dinheiro vivo. Gimínio ficou brabo e com voz feroz fulminou o detrator: "Ladrão é a mãe!"

Pois foi no Teatro Artur Azevedo, em dia de casa lotada, que vim a conhecer uma das nuances do temperamento do meu amigo, o muleque incorrigível. Lá fomos, ao "puleiro", para assistir uma luta de box entre o campeão maranhense Rubens, considerado favorito absoluto, e o carioca Leão da Noite, lutador tarimbado e de recursos técnicos mais apurados. Logo às primeiras "palhetadas", deu para sentir que o nosso campeão ia ser presa fácil nas unhas do leão carioca. E quando o Rubens beijou a lona pela primeira vez, a assistência irada, levantou-se aos pulos e gritos de protesto. O velho balcão, com excesso de peso, estalou e começou a dar sinais que ia despenhar sobre as cadeiras sociais. O pessoal de baixo, apavorado, cuidou de por sebo nas canelas, aos gritos de "vai cair!" Eu e o Arruda, como retardatários, estávamos perto da boca da escada do "puleiro" e por ela nos lançamos sem trocar palavras, descendo embolados pelos corredores estreitos, quase em pânico. Foi aí que, para meu assombro, o "Zé" deu uma gravata num baixinho que corria ao nosso lado e o arrastou, aos trambulhões, até o térreo, onde lhe disse, arrumando a roupa da vítima: "Fiz isso para te proteger, o pessoal atrás ia te esmagar." O baixinho não agradeceu e queira sair para a briga. Mal-agradecido!

*William Figueira é barra-cordense residente em Cabo Frio-RJ

CARTAS

Prezado parente Eider,

Gostamos e agradecemos os "Turma da Barra" que vêm nos enviando, pois daqui distante de nossa terra natal, estamos sabendo de tudo que acontece por lá, às boas e às más notícias, como essa última, o trágico assassinato do nosso amigo Raimundinho Pacheco, culpa da violência desenfreada que toma conta do nosso país. Aproveitamos a oportunidade para enviar a família enlutada, especialmente à amiga Laura, os nossos sentimentos.

Parabéns pela direção desse conceituado noticiário que com carinho nos envia, esse jornal tão útil para nós barra-cordenses que vivemos longe dessa terra tão querida. Barra do Corda, lá nos confins sertanejos, essa querida e inesquecível "barrinha de açúcar" que me falou um dia a saudosa tia Luzia. Abraços.

Ananias e Flórida
Rio de Janeiro - RJ

Amigo Eider,

Fico contente quando lembro do seu nome, pois vem a lembrança desse grande barra-cordense que é você.

Graças ao grande arquiteto do universo, a você e ao Correio, sempre recebo mensalmente esse valioso jornalzinho. Pequeno em tamanho e grande em noticiário.

Nós que moramos no Amazonas mandamos um grande abraço aos nossos irmãos maranhenses aí de Brasília.

Aproveitando a oportunidade, estou remetendo em anexo um cheque de 25 mil cruzeiros, para uma pequena parcela nas compras de selos. Agradeço a Deus por ter dado a mim esse momento para que eu possa fazer esse bilhete para a Turma da Barra.

Hermes Pontes Lima
Manaus - AM

TURMA DA BARRA
EDIÇÃO E REDAÇÃO EIDER A. MORAES
Caixa Postal nº 09872 Brasília-DF cep 70001-970

A QUESTÃO INDÍGENA

por Eider A. Moraes

Turma: Qual o fato verdadeiro dessa questão indígena?

Carvalho: O que houve foi uma agressão da Polícia Federal à comunidade Guajajara. Uma agressão inominável porque a casa do índio não se limita as paredes. É todo território. A Polícia Federal cometeu mais um erro dentro de uma coleção de equívocos. Foi a repetição de fatos que já aconteceram. Uma invasão com agressão aos índios que fica registrado para a história. Fato dos mais lamentáveis.

Turma: A Polícia Federal alega que procurava traficantes de maconha.

Carvalho: Os índios Guajajara são acusados, mas não são. Eu os conheço há cerca de 15 anos. Confesso que nessa questão de maconha eles desenvolvem somente para os rituais. Mas isso não é uma ação comum. Os índios têm sempre me interrogado: "Carvalho, eu não entendo os brancos. Uns pedindo que emprestemos, demos ou vendemos a maconha. Outros vêm atrás nos batendo por plantarmos maconha. Vocês são loucos?"

Turma: A PF também disse que encontrou haxixe.

Carvalho: Os índios não sabem nem o que é isso.

Turma: A quem interessa essa acusação?

Carvalho: Eu não sei. Aqui no Brasil não há registro da presença de haxixe.

Turma: Os problemas indígenas estão próximos de solução?

Carvalho: É a coisa que mais quero no mundo. Principalmente a saída de São Pedro dos Cacetes da área indígena. A presença do povoado é revestida de uma história trágica, onde os índios foram agredidos pelos moradores.

Turma: Por que o povoado tem que sair?

Carvalho: Muita gente diz que o povoado tem 80 anos. Não é verdade. Ele foi criado na década de 50. Ali era ponto de parada entre a Barra e Grajaú. Os caminhões usavam a lagoa como forma de refrigerar os radiadores. Mais tarde, o SPI passou a arrendar aquelas terras para custear suas ações indigenistas. Eu mesmo sou testemunha desses documentos assinados pelos moradores e que devem existir nos arquivos da Funai. Nos documentos, eles se comprometiam a se retirar ao término do prazo estipulado. Nenhum deles habitavam antes aquele local. Para conferir é simples. É só ir ao cemitério.

Turma: E a idéia do Lobão de trocar o povoado por uma área maior.

Carvalho: Já ouvi várias vezes. O índio Goiabeira certa vez perguntou ao governador da época se ele gostava da proposta. O governador respondeu que sim. Então, Goiabeira disse: "Se é boa para nós que somos donos das terras, deve ser muito melhor para o povoado de São Pedro dos Cacetes, que não são donos da terra. E como você é branco, os convença de aceitar."

Turma: Como estão os Guajajara em termos de sobrevivência?

Carvalho: Passam por dificuldades muito grandes. Eles ainda não conseguiram assimilar os processos produtivos dos brancos, mas conseguiram ficar dependente do consumismo do

Turma da Barra

José Porfírio de Carvalho, 46, indigenista, casado, quatro filhos, hoje certamente é o melhor amigo dos Guajajara (significa "gente valente"). Aliás, o correto conforme Carvalho é Tenetehara, em português, "gente".

Carvalho começou a adquirir essa condição de amigo quando trabalhou na Funai de Barra do Corda entre 1997 a 1980. Lá, como ele próprio diz, tirou os Guajajara da humilhação para a dignidade. Mas, para isso teve que enfrentar a antipatia dos políticos e da igreja da região.

Criticado como defensor de teses indígenas polêmicas, Carvalho sonha com uma confraternização de cordinos com os índios.

branco. Eles não têm mais caças e a produção agrícola é artesanal.

Turma: Passam fome?

Carvalho: Há um processo de subnutrição muito grande. A fome é uma das dificuldades.

Turma: E os índios Canelas...

Carvalho: Também passam por dificuldades de alimentação. As terras, embora demarcadas e sem invasores, são muito pobres para a agricultura e a caça. De qualquer forma, eles têm vivido melhor do que os Guajajara em função do seu sistema político organizado.

Turma: É verdade que o Carvalho está sempre por trás dos problemas indígenas?

Carvalho: Todas as ações que os Guajajara tomarem com relação à defesa dos seus direitos eu estarei junto com eles. Nunca por trás. Mas, pela frente.

Turma: Corre a fama de homem polêmico.

Carvalho: Não sei se sou polêmico. As minhas causas eu gosto de ir até o fim.

Turma: E o Carvalho é isso, é aquilo. Quem é ele?

Carvalho: Uma pessoa que gosta de trabalhar, de cumprir aquilo que é de direito e de respeitar as pessoas. Não me envergonho do meu passado. Tenho orgulho do que já fiz. Em Barra do Corda eu só lamento que a maioria das pessoas não entendam o meu papel. Nunca cometi arbitrariedades. Simplesmente sou um sonhador. Vivo do sonho. Sou feliz.

Turma: Mudou o quê os índios com o seu trabalho em Barra do Corda?

Carvalho: A postura dos Guajajara principalmente. Eu os encontrei mendigos, humilhados. Hoje os vejo enfrentando adversidades com honra e dignidade.

Turma: No seu tempo, os políticos e a igreja cordina foram contra seu trabalho.

Carvalho: Sim, foram contra. Não posso esquecer de um fato insólito. Eu tenho o título de cidadão indesejável da cidade dado pela Câmara dos Vereadores. Guardo-o num quadro na minha casa. Me orgulho muito, porque ele significa cumprimento do meu dever. Gosto de Barra do Corda. Tenho um filho nascido lá. Me sinto um "barra-cordino", fazendo parte de sua história.

Turma: Quanto à história de Alto Alegre?

Carvalho: Analiso com muita simplicidade. Os Guajajara não lutaram contra os padres. Eles travaram luta contra as aberrações do branco, que era o invasor dos seus domínios.

Turma: Falta muita coisa para ser contada.

Carvalho: Os historiadores da época não conseguiram registrar bem os fatos. Na tradição oral Guajajara a história é bem diferente.

Turma: Por exemplo:

Carvalho: Os Guajajara lamentam o acontecido com o João Caboré. Ele morreu de fome na cadeia, não deixando enterrá-lo em terras indígenas. Foi enterrado onde antigamente era o cemitério dos negros. Hoje tem uma pequena praça. Também lamentam a permanência daquelas fotografias nas paredes da igreja.

Turma: Por que as fotografias?

Carvalho: Eles dizem que aquelas fotografias dos mártires continuam acirrando os ânimos dos brancos contra eles. E se eles fossem publicar as dos índios assassinados, não caberiam em nenhum muro da cidade.

Turma: A questão indígena é pouco explicada na Barra.

Carvalho: Acho que sim. Está na hora de acabar com essas diferenças que existem entre brancos e índios. Gostaria que houvesse uma congregação. Eu sempre digo aos índios: Vocês não precisam conquistar inimigos. Vocês já os têm. Conquiste amigos e aqui em Barra do Corda.

Turma: Qual é o primeiro passo?

Carvalho: Nas escolas estudando a história dos Guajajara e a língua tupi. A igreja retirando aquelas fotografias. Hoje um Guajajara anda pelas ruas da Barra, mas não participa da sociedade. Os jovens Guajajara têm uma mágoa grande. Quando recebe visita é folclórica, turística. Não é uma visita para discussão dos problemas.

Turma: O índio é preguiçoso ou é estereótipo.

Carvalho: Estereótipo do Brasil todo. Os índios não são preguiçosos. Os Guajajara são extremamente trabalhadores. Quando têm tranquilidade produzem mais do que os brancos. O arroz dos índios em Barra do Corda é tido como o melhor. Sem impurezas e consistentes. Eles trabalham de sol a sol.

Turma: E os Canelas.

Carvalho: Têm os procedimentos diferentes dos Guajajara. Eles são mais coletores e mais caçadores.

Turma: Quem escolher: Guajajara ou Canelas?

Carvalho: Sem escolha. Gosto de cada um deles da forma como eles são. Nem mais nem menos.

TURMA MAIOR

FLAGRANTE

Mais uma vez o cinegrafista Wilson Silva mostra sua melhor arte - o flagrante. As imagens dos policiais apanhando dos índios ficam gravados para sempre. Principalmente nos arquivos da Polícia Federal.

GUAJAJARA

O jornal "Zero Hora" (de 20 de maio) comparou Los Angeles (onde os policiais espancaram um negro) com o caso dos índios cordinos. Segundo o jornal gaúcho, "os guajajaras reproduziram a cena de Los Angeles com os rapazes da Polícia Federal." E completa: "Os nativos brasileiros chegaram ao primeiro mundo antes dos cosmopolitas das grandes cidades."

COMEMORAÇÃO

Preparando-se para comemorar cinco anos de boas atividades em Barra do Corda, o Grupo Libertação dos Alcoólicos Anônimos. Anote: reunião pública dia 27, às 20 h, na Câmara Municipal.

DOCTORADO

A professora maranhense Socorro Coelho Cabral acaba de defender na Unicamp (Campinas-SP) tese de doutorado sobre "A Colonização do Sul do Maranhão".

CORREÇÃO

Correção. O professor José Queiroz de Carolina-MA não está vivo para comemorar os seus cem anos, como foi dito na edição anterior. José Queiroz faleceu em 1976.

PEIXES

O rio Mearim ganha em Santa Vitória 60 mil alevinos (embrião de peixes). Eles são principalmente de tambaqui, originários do rio Amazonas.

RESERVAS

O governo federal criou três reservas extrativistas no Maranhão. A de Quilombo Flexal (em Mirimzal) e as de Ciriaco e Mata Grande (em Imperatriz).

ECO 92

De primeiro a 12 de junho atenção ao Rio de Janeiro para as discussões e decisões da Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento - ECO 92. O desmatamento desregrado está com dias contados. Confira.

BRASIL

Mandin Brasil já está divulgando o número eleitoral: 28610

FESTIVAL

O festival de música cordina começou dia 19 e deve encerrar-se em 31 de maio. O festival está ambientado no ginásio da Tresidela.

MARANHÃO

Nas estatísticas da hanseníase, segundo a Organização Mundial de Saúde, o Brasil ocupa o quarto lugar. O Maranhão é o primeiro do nordeste.

PIO XI

Não esqueçam da quadra de esportes do colégio Pio XI. Vamos entregá-la ao público esportista.

Turma da Barra

MARCOS E ELISEU

Tudo indica que apenas Marcos Pacheco e Elizeu Freitas disputarão em outubro a prefeitura cordina. O partido de Elizeu Freitas (PFL) acaba de realizar sua convenção com a presença do governador Lobão. O concorrente Marcos Pacheco (PDT) fecha os últimos acordos e já aparece ao lado do deputado Terceiro na televisão local. O partido pedetista também aguarda para qualquer momento o apoio do secretário de governo, Carlos Alberto Milhomem.

Elizeu Freitas teve sua candidatura oficializada em três de maio, data de aniversário da cidade. Edison Lobão compareceu referindo-se ao imediato reinício das obras do sistema de abastecimento d'água. Nada disse sobre o asfaltamento ou mesmo os Ciacs. Mas o governador levou para São Luís o protesto dos professores e estudantes que ainda aguardam o início do semestre letivo. A convenção foi marcada também por uma avariação nos transmissores da rádio Guajajara. Elizeu denunciou veementemente. Acusou o grupo rival de sabotagem.

Marcos Pacheco, por sua vez, com habilidade conseguiu costurar o apoio do grupo do deputado Terceiro sem aparentemente perder antigos aliados como líderes de associações e sindi-

catos. No momento, a barreira a ser transposta é a da escolha do vice-prefeito. Zilmar Leão, Mário Hélder e Antonio Carvalho Amorim (Torneira) são os nomes mais prováveis.

Para a Câmara dos Vereadores espera-se uma disputa envolvendo mais de 250 candidatos. A Turma visitou três locais tidos como bolsas de apostas cordinas. No bar do Zico, na Tresidela, a lista é composta por Jurandir Araújo de Sousa, Sérvulo Luiz de Souza, Alin Chaves Rodrigues, Evangelista Franco de Araújo, Manoel Mariano de Sousa e Neto da Fabiana.

No bar do Kaburas, no centro da cidade, os nomes atualmente fortes são os de Manoel Mariano de Souza (Nenzin), Prelian de Souza Brandes, Sérvulo Luiz de Souza, Jurandir Araújo de Sousa, Alin Chaves Rodrigues, Wilson Hossóé, Raimundo Vermelho, Zeferino Cavalcante de Almeida e Adalberto Brasil.

No bar do Zé Pires, também no centro, os mais cotados são os de Raimundo Vermelho, Manoel Mariano de Souza (Nenzin), Sérvulo Luiz de Souza, Jurandir Araújo de Sousa, Odoaldo Santo Oliveira, Carlito Santo, João Chaves Freitas, Wilson Hossóé, Joaquim Veríssimo e Antonio de Sousa Lima.

SINAL VERDE

Falta apenas o sinal verde do Palácio dos Leões para a Academia Barra-cordense de Letras ser fundada. Esta é a explicação dada pelo professor João Pedro à Turma que quer ainda este ano oficializar a criação da Casa Maranhão Sobrinho.

Em Brasília, o professor Nonato Silva, mais conhecido como frei Paulo, trabalha com uma proposta de estatuto, o qual pretende ofertá-lo à Academia na sua próxima viagem a terras cordinas. "Eu devo ir a Barra do Corda e lá manterei contato com os entusiastas da idéia," declara.

O professor Nonato já tem alinhavada algumas idéias, as quais localará à discussão. A primeira é de que a Casa Maranhão Sobrinho seja constituída de 20 cadeiras. Todas essas cadeiras tenham como patrono eminentes barra-cordenses. E que os titulares sejam homens intrinsecamente ligados à vida literária e intelectual cordina. Defende, finalmente, a imediata fundação da Casa. "depois da fundação oficial, vamos buscar os apoios necessários," conclui.

FRUTA POPULAR

Pouco a pouco a acerola conquista a preferência do paladar brasileiro. Esta fruta pequena e avermelhada, parecida com a cereja, tem alto teor de ácido ascórbico (ou vitamina "C"). Segundo a Universidade Federal Rural de Pernambuco, em cada cem gramas, ela tem de 40 a 80 vezes mais vitamina "C" do que a mesma quantidade de suco de limão ou de laranja.

Em Brasília, a fruta vem se popularizando rapidamente. Muda da planta, poupas e sementes são dispu-

tados em postos de vendas. Um copo do suco, hoje, está sendo comercializado por volta de 2 mil cruzeiros. A planta chega a custar 10 mil cruzeiros.

A acerola é originária do mar das Antilhas. Implantada em 1955 em Pernambuco, ela vem se espalhando pelo restante do país. Uma aceroleira produz em média 25 quilos em cada uma das quatro ou sete vezes de frutificação por ano. A fruta porém demora dois anos para iniciar a produção.